

**Universidade de São Paulo**  
**Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas**  
**Departamento de História**

Disciplina: História Antiga II - 2019 - Noturno  
Responsável: Marcelo Rede

**Seminário 7**

**a) *Publius (?) Annaeus Florus – II,7***

Tendo o poder romano se tornado senhor dos recantos mais diversos da terra, quem poderia crer que a Sicília fosse devastada de modo mais sanguinário pela guerra servil do que havia sido pela guerra púnica? A terra fértil e a província – que eram, de certo modo, subúrbios de Roma – estavam ocupadas pelos latifúndios dos cidadãos romanos. Havia ergástulas repletas, empregadas aqui no trabalho dos campos, e os cultivadores acorrentados forneciam seu material à guerra.

Um sírio, chamado Eunus – a magnitude do desastre faz com que nós nos lembremos -, tendo fingido entrar em um transe guerreiro inspirado, balançando sua cabeleira em honra da deusa síria, convocou os escravos à liberdade e às armas, como se estivesse agindo sob a influência de forças divinas. E, para mostrar que isso se fazia em decorrência da vontade dos deuses, ele havia escondido em sua boca uma noz recheada de sulfato incandescente; assim, soprando levemente, ele entrecortava suas palavras com flamas.

Este prodígio fez com que, de início, dois mil homens que ele encontrou no caminho se juntassem a ele. Depois, após ter arrebatado as ergástulas em nome do direito de guerra, ele constituiu um exército de mais de sessenta mil homens e, para que nada faltasse a seus crimes, tendo se investido das insígnias reais, ele devastou numa triste pilhagem os postos de guarda e as grandes fazendas isoladas e os burgos. (...)

Finalmente, eles foram abatidos sob o comando de Perpena: foi ele, com efeito, que os reduziu através da fome e da epidemia, enquanto os mantinha sitiados em Henna após tê-los vencido. Ele castigou os revoltosos que restaram, colocando-os sob ferros, correntes e com a crucificação. Perpena contentou-se com uma ovação, a fim de não mesquinhar a dignidade de um triunfo com a inscrição de uma vitória sobre escravos.

**b) *Diodoro da Sicília - Biblioteca Histórica, XXXVI,1ss.***

Em Roma, aproximadamente no mesmo momento em que Mário derrotava os reis líbios Boco e Jugurta [...] e os romanos, além disso, em guerra com os cimbros, estavam desalentados, tendo sofrido sérios reveses na Gália, aproximadamente nesse momento - repito - chegaram a Roma, da Sicília, portadores de notícias de uma sublevação de escravos, em número de muitas dezenas de milhares. Com o advento dessas notícias recentes, o estado romano inteiro encontrou-se numa crise, pois quase 60 mil soldados aliados tinham perecido na guerra, na Gália, contra os cimbros, e não havia forças legionárias disponíveis. Mesmo antes da nova sublevação de escravos na Sicília, tinham ocorrido na Itália algumas revoltas de curta duração e alcance restrito, como indicação sobrenatural antecipada da magnitude da iminente rebelião na Sicília.

A primeira foi em Nucéria [...] onde 30 escravos organizaram uma conspiração e foram prontamente punidos; a segunda, em Cápua, onde 200 escravos insurgiram-se e também foram logo punidos. A terceira revolta foi extraordinária e bem diversa do padrão usual. Um certo Tito Vétio, jovem cavaleiro romano cujo pai era pessoa de muitas posses, deixou-se atrair por uma escrava de excepcional beleza, que pertencia a outro senhor. Tendo-a seduzido e mesmo vivido com ela por algum tempo, apaixonou-se por ela perdidamente [...] e a comprou por 7 talentos áticos, concordando em pagar o preço da compra num tempo estipulado. Como a riqueza do pai garantia-lhe crédito, levou consigo a moça [...], mas quando venceu o prazo para saldar a dívida e sem condições para tanto, embarcou num empreendimento que ultrapassa toda a compreensão [...] Comprou 500 jogos de armamentos, a prazo e tendo obtido crédito, conduziu-os secretamente a um certo lugar e incitou os seus próprios escravos, em número de 400, à revolta. Tendo, então, decidido portar o diadema e um manto de púrpura, acompanhado de litores e outras insígnias de mando, e tendo-se proclamado rei, com a cooperação dos escravos, açoitava e decapitava os que vinham cobrar a dívida pela moça. Armando seus escravos, marchou pelas propriedades vizinhas e deu armas aos que logo aderiram à revolta, mas trucidou os opositores. Logo dispunha de mais de 700 soldados e tendo-os alistado por centúrias, construiu uma paliçada e recebia todos os revoltosos. Quando a notícia do levante chegou a Roma, o Senado tomou medidas prudentes e remediou a situação. Dos pretores então na cidade, nomeou um, Lúcio Lúculo, para capturar os fugitivos. No mesmo dia, ele escolheu 600 soldados na própria Roma e, ao atingir Cápua, já contava com 4 mil infantes e 400 cavaleiros. Vétio, sabendo da aproximação de Lúculo, ocupou uma colina com um exército que agora totalizava mais de 3 mil pessoas. Na refrega, de início, os fugitivos levaram vantagem, pois estavam em terreno mais alto; mais tarde, Lúculo, subornando Apolônio, general de Vétio, e assegurando-lhe em nome do estado a imunidade de punição, persuadiu-o a trair seus companheiros rebeldes. [derrota de Vétio e seus seguidores; suicídio]

Durante a campanha de Mário contra os cimbrós, o Senado autorizou-o a solicitar ajuda militar das nações de além-mar. Assim, Mário pediu auxílio a Nicomedes, rei da Bitúnia. Respondeu o soberano que a maioria dos bitúnios tinha sido tomada pelos coletores de impostos e estava em servidão nas províncias romanas. O Senado, então, promulgou um decreto segundo o qual nenhum cidadão de um estado aliado seria mantido em cativeiro numa província romana, devendo os pretores providenciar sua alforria. Em obediência ao decreto, Licínio Nerva, que nesse tempo era governador da Sicília, marcou audiências e alforriou certo número de escravos, com o resultado que, em poucos dias, mais de 800 pessoas obtiveram a liberdade. Os notáveis, entretanto, reunidos às pressas, pressionaram o pretor a mudar de linha. Quer tenha sido subornado, quer por fraqueza, sucumbido ao desejo de favorecê-los, o pretor cessou seu interesse por esses tribunais e, quando procurado por quem desejasse a liberdade, censurava-o e mandava-o de volta a seus senhores. Os escravos, agrupando-se, partiram de Siracusa e, refugiando-se no santuário dos Palíci, levantaram a questão da revolução. A partir daí a audácia dos escravos manifestou-se em muitos lugares, mas os primeiros a reivindicar a alforria foram 30 escravos de dois ricos irmãos, na região de Halíciai, guiados por um homem chamado Vário. Primeiro, eles assassinaram seus amos, à noite, quando dormiam; depois, percorreram as vilas vizinhas e incitaram os escravos à liberdade. Nesta noite, mais de 120 se agruparam. Ocupando uma posição naturalmente defendida, reforçaram-na ainda mais, tendo recebido, no intervalo, um acréscimo de 80 escravos armados. Licínio Nerva marchou contra eles às pressas, mas, embora os assediasse, seus esforços foram vãos [Licínio Nerva obtém a traição de Gaio Titínio e derrota os rebeldes].

Depois que os soldados tinham debandado e retornado aos seus afazeres habituais, correu a notícia de que 80 escravos tinham-se rebelado e trucidado Públio Clônio, cavaleiro romano e,

além disso, estavam agora empenhados em aumentar o grupo. [...] O pretor, quando soube, em Heracleia, que seu número atingia não menos de 2 mil escravos, indicou Marco Titínio como comandante, dando-lhe uma força de 600 homens da guarnição de Ena. Titínio desfechou um ataque contra os rebeldes, mas como eles tinham vantagem, tanto em número quanto em relação à dificuldade do terreno, ele e seus homens foram derrotados. [...]. Os rebeldes, tendo ganhado, além da vitória, tantas armas de uma só vez, empenharam-se mais ousadamente e todos os escravos, em toda parte, eram agora incitados à revolta [...] e em poucos dias eram mais de 6 mil. Organizaram, então, uma assembleia e, quando a questão se apresentou, escolheram como rei a um homem chamado Sálvio, reputado como hábil na adivinhação e que fora tocador de flauta em danças das cerimônias femininas. Quando se tornou rei, ele evitou as cidades, considerando-as como fonte de depravação e de autoindulgência, e dividiu os rebeldes em três grupos, submetidos cada qual a um comandante [...] Tendo providenciado, com seus saques, muitos cavalos e outros animais, logo tinha mais de 2 mil cavaleiros e não menos de 20 mil infantes [...] Assim, indo ao assalto da cidade fortificada de Morgantina, sujeitaram-se a ataques violentos e constantes. O pretor saiu em defesa da cidade com cerca de 10 mil soldados romanos e sicilianos, marchando à noite. Descobrimo que os rebeldes estavam ocupados com o assédio, atacou-lhes o acampamento e, encontrando-o guardado apenas por um punhado de homens, mas repleto de mulheres cativas e butins de toda espécie, capturou o local com facilidade. Os rebeldes contra-atacaram e, como detinham posição vantajosa [...] dispersaram as forças do pretor. Quando o rei dos rebeldes proclamou que ninguém que depusesse as armas seria morto, a maioria as abandonou [...] Assim, não mais de que 600 homens dentre os romanos e os sicilianos pereceram, graças à proclamação humanitária do rei, mas cerca de 4 mil foram aprisionados. [...] Sálvio era, agora, senhor absoluto do terreno e, de novo, tentou tomar Morgantina de assédio. Por proclamação, ofereceu liberdade aos escravos da cidade, mas quando os amos destes fizeram-lhes oferta semelhante em troca de seu auxílio na defesa da cidade, eles escolheram o lado dos senhores e, com resistência tenaz repeliram o assédio. Mais tarde, porém, o pretor, rescindindo a emancipação, fez com que a maioria deles se debandasse para o lado dos rebeldes [...] O caos e a agitação tomaram conta de toda a Sicília. Não só escravos, mas também homens livres empobrecidos se tornavam culpados de toda espécie de rapina e ilegalidade e brutalmente assassinavam a quem encontrassem pela frente, escravo ou liberto ou livre, a fim de não ter testemunha de seu comportamento desbridado. Assim, os habitantes da cidade passaram a considerar que o que restava dentro das muralhas da cidade pouco lhes pertencia e que tudo que se encontrava fora estava perdido e sujeito somente ao império sem lei da força.